

Fez novamente um ligeiro cumprimento, repôs o chapéu e voltou-se para o carro. Suas últimas palavras refletiram um sotaque dialetal, arrastado, talvez intencionado. Dava idéia dum cavalheiro. Tipo bastante galhardo e singular, evidentemente seguro de si.

Clifford deu partida ao motorizado e o homem cuidadosamente voltou o carro no rumo da ladeira.

— Só, Sir Clifford? — perguntou depois do auxílio.

— Não. Acho melhor que nos acompanhe até em casa; pode haver enguiço no caminho. Este carro às vezes não se comporta bem nas subidas.

Mellors procurou o cão com um volver d'olhos solícito, que o perdigueiro agradeceu com um movimento de cauda; leve sorriso, entre travesso e bom surgiu e apagou-se-lhe no rosto, agora sem expressão nenhuma. A mão de Mellors dava firmeza ao carrinho. Seu todo não lembrava um servo, mas um soldado livre. Tinha qualquer coisa de Tommy Dukes, pensou Constance.

Quando chegaram ao fim do bosque, Constance adiantou-se a correr para abrir a porteira do parque, ficando a segurá-la. O carrinho passou, e de passagem os dois olharam-na: Clifford, com um olhar crítico, e Mellors com o olhar avaliador que quer ver como é. Constance sentiu nele sofrimento e indiferença, mas também um certo valor. Por que aquela indiferença distante no olhar de tal homem?

Atravessada a porteira, Clifford parou o carro e o guarda-caça apressou-se em ir fechá-la.

— Por que correu na frente para abrir? — perguntou Clifford em leve tom de censura. — Isso competia a Mellors.

— Para que o carrinho não precisasse de parar — respondeu Constance.

— Mas você teria depois de correr para alcançar-nos. . .

— Oh, gosto de correr às vezes. . .

Mellors voltou a cuidar do carro, como se nada estivesse ouvindo, mas Constance percebeu que ele nada perdia. O esforço de empurrar o carrinho fê-lo respirar de lábios entreabertos. Não era muito vigoroso. "Mas bastante cheio de vida e rijo", adivinhou o instinto feminino de Constance.

Lady Chatterley atrasou-se enquanto o carro seguia na frente. O tempo mudara para pior, o pouco céu da manhã

desaparecera e o frio estava áspero. Ia nevar. Tudo cinzento, enublado. Um ar de canseira nas coisas.

O carrinho parou num tope, e Clifford voltou o rosto para ver Constance chegar.

— Cansada? — perguntou-lhe.

— Não, não. . .

Mas estava cansada — cansada de alma. Sentia um estranho peso de fadiga, uma necessidade de qualquer coisa indefinível, um descontentamento. Clifford não dava tento a esse tipo de estado d'alma, nada notou. Mas Mellors notou-o.

Tudo para Constance parecia gasto, findo, morto. Era um descontentamento mais velho que aquelas paragens.

Chegados ao solar, foram ter à porta dos fundos, onde não havia degrau a subir, e Clifford passou-se do carrinho para a cadeira de rodas. Tinha os braços fortes e ágeis, mas as pernas mortas; Constance teve de erguê-las nos braços.

À espera de que o dispensassem, Mellors olhava em torno, sem perder de vista coisa nenhuma. Ao ver Constance erguer as pernas inertes do marido para pô-las na cadeira enquanto Clifford girava sobre si mesmo, arrepiou-se. Sentiu medo.

— Obrigado pela ajuda, Mellors — murmurou distraidamente Clifford, levando a cadeira para diante, rumo ao escritório, e em voz neutra o guarda-caça perguntou ainda:

— Nada mais, Sir Clifford?

— Não. Obrigado. Até logo.

— Até logo, meu senhor.

— Até logo — disse também Constance. — Espero que não se haja cansado muito com a subida da ladeira.

Os olhos de Mellors olharam-na de relance, como despetos dum sonho.

— Oh! não foi coisa de tanto, disse com presteza, e sua voz voltou à entonação dialetal, arrastada. Até logo, minha senhora.

Durante o almoço Constance perguntou ao marido:

— Quem é o guarda-caça?

— Pois é o Mellors, não viu? — respondeu Clifford, surpreso.

— Sei. Mas pergunto quem é ele, donde vem?